

DIRETORES

Antônio Carlos Coutinho Nogueira
José Bonifácio Coutinho Nogueira Filho

CONSELHO EDITORIAL

Antônio Carlos Coutinho Nogueira,
Ciro Porto, Ivan Szalma,
José Bonifácio Coutinho Nogueira Filho,
Liana John, Paulo Nogueira-Neto, Rogério Salvati,
Sergio Schwilke, Suzana Machado Pádua

DIRETOR EDITORIAL

Ciro Porto

EDITORES EXECUTIVOS

Liana John
Valdemar Silveira

EDITORES

Luz Figueiredo
Marana Ribeiro

DIREÇÃO DE ARTE

Matheus Jeremias Fortunato

ARTE E PRODUÇÃO GRÁFICA

Matheus Jeremias Fortunato
Renato Mendes

FOTOGRAFIA

Agostinho Matos, André Pessoa,
Carlos Alberto Coutinho, Geiser Trivelato,
Henrique Pizzarello, Jaime Sérgio,
Jota Correia Filho, Orlando Graeff,
Ovídio Marques, Radisson Marcelo Cariani

COLABORADORES DESTA EDIÇÃO

Gaullonzo Penzari, Girassol Martins,
Eduardo Lacerda, Fernando Kassal,
Jota Prudente, Marcos Correia,
Marina Mueller, Paulo Nogueira-Neto

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Ciro Porto (M16 20414)

ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE

DIRETOR

Antônio Wellington da Costa Lapes

GESTÃO COMERCIAL E CIRCULAÇÃO

Regiane Eliza Rigoli

DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO NO BRASIL

Fernando Oliveira

IMPRESSÃO - Globo Comunicação

PARA ANUNCIAR

Gerência Comercial (31) 3776.6525

Bahia: (71) 3243.1587 / 9134.9547

Brasília: (61) 3321.9100 / 9635.1684

Belo Horizonte: (31) 3423.6647 / 9783.6697

Campinas e Interior SP:

(19) 3776.6583 / 9157.8313

Mato Grosso/ Mato G. do Sul e Goiás:

65-9225-2446 / (67) 96023419

São Paulo (capital): (11) 9510.9928

Email: rogiano@terradagente.com.br

Liana John

Escritora e jornalista

Quem somos / Fale conosco / Anúncios

A revista Terra da Gente é
uma publicação mensal da
Terra da Gente Produções e
Serviços Ltda, uma empresa
do Grupo GFTV

ANER



DEDO DE PROSA

LIANA JOHN

Preconceito e Ecologia

Diversas espécies mal afamadas já frequentaram as nossas páginas: aranhas, morcegos, urubus, entre os animais; cactos e cipós, entre as plantas. Dessa vez, trazemos as mal vistas serpentes na capa, arriscando confrontar o preconceito de alguns leitores, até no mero ato de olhar para fotos destes animais tão temidos. A par de reabilitar a imagem das cobras ou falar da injustiça de considerar todas perigosas, nossa intenção é mostrar como ficamos mais 'pobres' quando deixamos de observar e procurar conhecer um tipo de animal só por achá-lo perigoso, ou estranho, ou nojenta, talvez.

A meu ver, um dos 'bens' que se perde com o preconceito é a noção de equilíbrio ecológico. Serpentes são úteis e importantes, não porque produzem proteínas de interesse para a indústria farmacêutica ou porque são protagonistas involuntárias de shows e documentários sensacionalistas e rendem audiência no papel de vilãs. Essa é uma visão por demais antropocêntrica, além de parcial, pois restringe o universo das serpentes apenas à minoria de peçonhentas. No mundo, as serpentes consideradas venenosas correspondem a um quarto do total de espécies conhecidas. No Brasil, esse porcentual cai para um sexto, sendo que 22 das 49 espécies peçonhentas brasileiras são corais. E os acidentes com corais equivalem a menos de 1% do total de ocorrências registradas.

Não, definitivamente elas não estão no mundo apenas para servir ao homem. Serpentes são úteis e importantes porque fazem diferença nos diversos ambientes onde vivem: são predadoras, controlando as populações de um grande número de espécies — de roedores, lesmas, anfíbios, etc. — e também são presas, alimentando

um bom contingente de aves e mamíferos carnívoros. Serpentes ajudam a manter o equilíbrio ecológico nos muitos ecossistemas aos quais estão adaptadas. E equilíbrio ecológico é um conceito muito diferente de uma porção de espécies ocupando o mesmo espaço, umas comendo as outras.

O equilíbrio pressupõe uma estreita relação entre os seres vivos e o meio, além de uma intrincada rede de dependências e influências entre as espécies, de plantas com animais, de animais com animais, de plantas com plantas. Uma rede de relações estreitas e dinâmicas, pois se um bambuzal frutifica na mata e de repente oferece uma quantidade extra de comida para os ratos, eles proliferam rapidamente. O todo então demanda uma resposta da parte dos predadores de ratos para voltar ao equilíbrio. Também é assim com mudanças climáticas, invasão de espécies exóticas, desmatamentos, poluição e outros fatores que podem causar desequilíbrio, incluindo o péssimo hábito humano de matar qualquer serpente que apareça, por puro medo e preconceito, eventualmente potencializado pela incapacidade de distinguir as espécies peçonhentas das inofensivas.

Ninguém precisa sair criando 'abrigos de serpentes desamparadas', nem cair para o outro lado, considerando todas inofensivas e, portanto, boazinhas a ponto de permitir um afago. Basta deixar que sigam seu caminho. Serpentes são animais silvestres e pertencem à Natureza. Têm capacidade e autonomia para se cuidarem sozinhas. É só não atrapalhar e elas fazem a parte que lhes cabe na eterna função de promover esse tal equilíbrio ecológico.